



ROTA



Biblioteca Municipal Central — Palácio Calveias

LISBOA

Composto e impresso na
Gráfica Almondina — T. Novas

Director (interino) — Fernando Costa
Del.º do Director do C. E. — João Henriques

Quinzenário
Académico do C. A. C.

Da utilidade da literatura

por
FERNANDO COSTA

TODAS as pessoas que lêem, tomam, em relação à literatura, uma determinada posição ainda que, em grande número dos casos, essa posição não seja tomada conscientemente. Assim, os que lêem obras de bons autores (ou pelo menos, assim considerados) vêem na arte literária não só uma distração de elevado nível artístico, como também um fim de acentuada utilidade. Isto é, enquanto por um lado, se distraem lendo, simultaneamente instruem-se colhendo nos mesmos livros preciosos ensinamentos sobre a vida e seus problemas.

Os que lêem tudo que lhes cai nas mãos, sem qualquer rigor na seleção, fazem-no unicamente para se distraírem, sem pretenderem quaisquer outros benefícios. Há também os que procuram uma certa espé-

cie de literatura que, quanto a nós, tem tanto de ôco como de prejudicial. Lêem com preocupação na escolha, mas essa escolha é feita no pior sentido e isso deve-se à ignorância desta classe de leitores e sobretudo, de leitoras. Falarei ainda dos que, deliberadamente, procuram livros que pela sua índole acentuadamente imoral são, justamente, condenados e perseguidos. Felizmente que estes livros tendem a desaparecer, não se podendo dizer o mesmo de quem os procura, pois que, para cada volume que ainda por vezes aparece, logo surge uma legião de leitores. Livros desses são a própria negação da vida e da beleza e não nos preocuparemos, nunca, com eles, pois não nos queremos preocupar com o aspecto negativo da arte. Interessa-nos, sobretudo, falar da primeira ca-

tegoria de livros apontada, tentar definir o que entendemos por boa literatura e mencionar alguns benefícios que lhe atribuímos.

Boa literatura, assim o supomos, será aquela que não falseando, de qualquer forma, a verdade dos assuntos que foca, nos consiga mostrar a vida tal qual ela é, sem contudo haver necessidade de o dizer num tom que, pela crueza, possa influir desfavoravelmente no espírito do leitor. Assim, cremos não haver para a literatura assuntos escabrosos, mas sim processos de literariamente, tratar qualquer assunto. De um tema de grande beleza moral pode um autor fazer obra imoral, sendo possível acontecer o contrário, isto é, de um assunto que visto por olhos vulgares, é pouco edificante, pode um escritor de talento fazer obra de real valia. Tudo depen-

TRIBUNA DE MINERVA

Problemas de Educação

A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA

por A. VICENTE CAMPINAS

A criança é como o barro imperfeito, ou como a pedra por modelar. Cai no abandono, — e o barro se desfaz ou se amontoa inútilmente; e a pedra se quebra, ou permanece no seu estado primitivo de inutilidade. E' preciso que o artista apareça, com uma forte vontade a iluminar-lhe o caminho. Artista que transforme o barro em obra-prima, a pedra em figura de perfeição.

Se abandonarmos a criança aos seus próprios recursos, (que são escassos) ela crescerá num inútil ou num vadio, num mandrião ou num aventureiro, num desordeiro ou

num ladrão. Raríssimas vezes a criança consegue, por suas minguadas possibilidades pessoais, carrilar, por si só, pela estrada da beleza e do bem! E' preciso que haja quem a auxilie, na sua natural ascensão pela escada da vida. Primeiros degraus, subida incerta. Ampará-la no início dessa subida, (que o mesmo é dizer do desenvolvimento da consciência e da razão), eis o primacial cuidado dos que se interessam por estes delicados problemas.

Tal qual como o artista que tenta dar à sua obra ideal os traços de imperecível beleza, partindo desde o início do

seu trabalho com os indispensáveis requisitos e extremos de cuidados, — assim compete à mulher e ao homem que queiram encarar a sério e pôr em prática o seu labor de educação consciente.

A criança é a matéria-prima para a grande obra do Mundo de amanhã, mais fraternal e mais humano, que todos os bons ambicionam. Olhemos, pois, com toda a atenção e amor para os seus delicados problemas, que carecem solução. Batalhemos pelo progresso eficaz e consciente da sua educação, — e teremos contribuído, assim, com a nossa parcela de bem, para a realização de uma inadiável tarefa, para o bem dos nossos semelhantes, para o progresso humano!

de, pois, do génio e da formação moral de quem escreve.

Entendemos, em suma, que a literatura deve ter, a par de preocupações de ordem artística (e isso é uma maneira de prender o bom leitor) acentuado valor utilitário. Quero dizer, acompanhando a arte, deve aparecer, sempre, algo de útil para que a literatura, cumpra cabalmente, a sua missão. Não lhe compete, creio, resolver problemas, mas somente apresentá-los. A resolução desses problemas já pertence a outro ramo da actividade humana: a técnica, não carece de demonstração a vantagem da literatura que re-

putamos boa em relação às outras, para nós inferiores, manifestações literárias. Por isso nos parece necessário e urgente tentar que aqueles que não se interessam por qualquer espécie de literatura se venham a interessar pela que pensamos ser a única que merece a nossa atenção. Quanto aos que, no nosso entender, andam por caminho errado, é forçoso tentar trazê-los ao convívio dos autores honestos, únicos dignos do nosso apreço. Só assim será possível uma literatura onde as manifestações de arte, manifestamente inferiores, nunca terão lugar.

O receio dum infortúnio incerto causa, muitas vezes, uma impressão mais funesta, do que a certeza dum outro já sucedido.

Shakespeare

Um talento forma-se na tranquilidade; um carácter na tormenta do mundo.

Goethe

O espirito está no corpo como um piloto num navio.

Aristóteles

CRÍTICAS

«SAUDADES»

A crítica compete, e quase exclusivamente a ela, seleccionar o bom do mau para elucidação do público que nela confia.

Criticar não é escrever por escrever, ou melhor escrever para dizer alguma coisa. Assim o papel da crítica deve ser educativo, contribuindo para a obtenção de uma perfeição que, passe o paradoxo, pode ser sempre melhorada. Ora, se meditarmos por momentos no panorama da crítica portuguesa, pelo menos no que respeita a certos sectores, teremos de concluir que é desolador.

Raramente se dizem verdades e quando se dizem calafetam-se os ouvidos pois aparece logo quem grite aqui d'El-Rei por isto ou por aquilo. Por isso, ao procurarmos elucidar-nos, ver o aspecto de qualquer actividade, aparecem perante nossos olhos uma imensidade de controvérsias que espalham a desconfiança no nosso espírito e baralham ainda mais as ideias.

Não conseguimos atinar com o que pretendem certos senhores a quem, por nosso mal se deu guarida nos nossos jornais e na nossa rádio. Principalmente (e eis os sectores a que nos queríamos referir) no que respeita a crítica desportiva e artística atinge-se o auge.

Criam-se ídolos, mercê de um facciosismo ou partidarismo por A ou B, os quais se abatem quantas as vezes para criar outros, dias depois. E vá de gritar-se que está ali a verdade pois que o tal A ou B não interessam ao crítico.

Elevam-se, por outro lado,

artistas a pedestais altíssimos os quais, quase em seguida, tem de descer sem que tenham sequer a ajudá-los na descida quem tanto os empurrou na subida. Critica-se o que é estrangeiro e quase se apresenta perfeito, enquanto que as actividades nacionais, que tanto necessitam de boas críticas, andam cheias de penas de pavão.

E habituámo-nos de tal maneira a viver neste regimen de mentira, de receio, que ai daquele que algum dia tente dizer meia duzia de verdades. Um sem número de blasfémias lhe cairá em cima! Depois, virá a polémica barata que não conduz a realidades.

Outras vezes nada se diz e o público não vê melhoria palpável, melhoria essa a que se poderia chegar se alguém se pronunciasse.

A nossa Rádio por exemplo, atravessa desde há anos um periodo de estagnamento do qual teima em não sair ainda que, para tal, tenha reais possibilidades. E contudo olhem-se as tribunas deste e daquele e o «vendaval» de sentenças que proferem, sentenças que sabem de antemão impraticáveis mas que têm de proferir para dizerem ou escrever alguma coisa. E o público lá anda iludido (quantas e quantas vezes finge que anda iludido!) e vai «comendo» o péssimo, o mau, poucas vezes o regular, na falta de melhor.

Não, senhores. Assim não triunfaremos e o atrazo será sempre enorme. Deixem-se para trás partidarismos, facciosismos e faça-se algo de sério pois que, só para ga-

Saudades...

Da terra onde eu nasci,
Onde passei a minha infância
Na deliciosa inconstância
Dos tempos que lá vivi.

Saudades...

Desses seus verdes prados,
De regatas murmurantes
Entre salgueiros elegantes
Todos de prata, marchetados.

Saudades...

Da terra alegre e fresca
Onde crescem verdes milhos,
Por entre os suaves rebrilhos,
Da água que os refresca.

Saudades...

Dos tristes pinheirais
Ao vento sussurrando,
Como quem vai orando,
Singelos madrigais.

Saudades...

Dessa terra tão distante,
Brinquedo da minha infância
De tão rústica elegância,
De quem sou tão seu amante.

Saudades...

Do rebrilho desse Tejo
Símbolo da nossa Raça.

Em cada hora que passa
Que saudades, Ribatejo.

LISBOA, 10-12-947.

Canto Oliveira

nhar dinheiro, não vale a pena mentir. Para isso pegue-se numa enxada, numa serra, numa caneta (depois de calçadas umas mangas de alpaca) e contribua-se para o bem comum de uma maneira mais palpável, mais elucidativa. Talvez assim, fazendo parte do grande público, se aprenda o que significa o verbo criticar.

Lisboa, 6 2-48

Oscar Bento

Evolução da Poesia Contemporânea Portuguesa

○ Parnasianismo é uma corrente poética, ainda anterior ao Simbolismo. Toma este nome devido ao facto de os poetas que seguiram as suas características, se intitularem os "verdadeiros poetas", e como na mitologia grega o Parnaso era a região do Olimpo, onde viviam as sete musas da poesia, daí o dar-se este nome àquela corrente poética.

Foi seu precursor o poeta francês Le Conte de Lisle (1820-1894).

O que caracteriza a poesia parnasiana é o esforço do poeta para tornar a sua poesia impessoal, isto é, não fazer das suas próprias emoções a matéria dos seus versos. O poeta, como que desejoso de ser, antes de tudo um verdadeiro artista, tem por principal preocupação ao fazer seus versos, a perfeição da forma.

Os versos do parnasianismo focam verdadeiros momentos de beleza, tratando-os com um cuidado extraordinário. Os assuntos são enquadrados perfeitamente pela forma, podemos mesmo compará-los com uma preciosa moldura, duma perfeição total, completando um quadro de elevado valor.

O Parnasianismo é um tesouro de rimas, aliado à mais perfeita harmonia e através disto, o poeta desaparece perante o assunto. Enfim o poeta é o espelho claro e puro onde se reflecte, sem que nada de seu lhe acrescente, uma bela forma.

Pode-se considerar o parnasianismo como uma das mais

SONHO E PENSAMENTO

AO JORNAL "ROTA"

Eis que se levanta algures
No cimo da montanha,
Loiros cabelos ao vento,
Esse Poeta d'inspiração estranha
Que nasceu do meu pensamento.

A cada gesto largo do seu braço
Um rasto de luar
Em pleno dia se alevanta,
E cada raio do seu puro olhar,
E' um verso, que o vento frio, canta.

Oh Poeta da visão celeste,
Sonho do pensamento meu,
Forma ideal do meu desejo.
Eu sei que és tu que brilhas e não eu
E sei que és quem procuro e não me vejo,

Por isso, quando voltas de mansinho
P'ró alto da montanha que sonhei,
Eu choro de inveja e de orgulho
Porque afinal fui eu que te criei
E és tu a sombra triste onde mergulho.

LITERATURA

JURAMENTO DO ARABE

Baçus, mulher de Ali, pastora de camelas,
Viu de noute, ao fulgor das rútilas estrelas,
Vail, chefe minaz de bárbara pujança,
Matar-lhe um animal. Baçus jurou vingança;
Corre, célere, voa, entra na tenda e conta
A um hóspede de Ali a grave e inulta afronta.
— «Baçus — disse tranquilo o hóspede gentil —
«Vingar-te-ei com meu braço, eu matarei Vail».

Disse e cumpriu.

Foi esta a causa verdadeira
Da guerra pertinaz, horrível, carniceira
Que as Tribos dividiu, na luta fratricida
Omar, filho de Amru, perdera o alento e a vida.

Amru que lanças mil aos rudes prélios leva
E em sangue inimigo, irado, o ódio ceva,
Incansável procura, e é sempre em balde, o Vail
Matador de seu filho, o tredo Muhalhil.
Uma noite, na tenda, a um moço prisioneiro,
Recem-colhido em campo, o indómito guerreiro
Falou severo assim: —

«Escravo, atende e escuta;
«Aponta-me a região, o monte, o plaino, a gruta,
«Em que vive o traidor Muhalhil, dize a verdade;
«Dá-me que o alcance vivo, e é tua a liberdade».

E o moço perguntou:

«E' por Aláh que o juras?»
— «Juro» — o chefe tornou — — «Sou o homem que procuras!

«Muhalhil é o meu nome, eu fui que espedacei
«A lança de teu filho, e aos pés o subjuguiei!»
E intrépido fitou o atónito inimigo.
Amruolveu: — «E's livre, Aláh seja contigo!»

GONÇALVES CRESPO (Nocturnos, 1882)

PÁLIDA E LOIRA

Morreu. Deitada no caixão estreito,
Pálida e loira, muito loira e fria,
O seu lábio tristíssimo sorria
como num sonho virginal desfeito.

— Lírio que murcha ao despertar do dia,
Foi descansar no derradeiro leito,
As mãos de neve erguidas sobre o peito,
Pálida e loira, muito loira e fria...

Tinha a cor da rainha das baladas
E das monjas antigas maceradas,
No pequenino esquite em que dormia

Levou-a a morte em sua garra adunca!
E eu nunca mais pude esquecê-la, nunca! (1)
Pálida e loira, muito loira e fria...

ANTÓNIO FEIJÓ («Líricas e Bucólicas», 1884)

(1) Repare-se que neste verso o poeta como que não pode resistir à emoção causada pelo assunto e deixou transparecê-la. Mas note-se também que tirando este verso a escola parnasiana aparece em todo o seu fulgor.

II Parnasianismo — Gonçalves Crespo; António Feijó

puras, se não a mais pura e bela das correntes poéticas conhecidas.



Para exemplo da influência parnasiana na poesia contemporânea portuguesa, escolhemos os poetas: Gonçalves Crespo (1846-1883) e António Feijó (1862-1917).

O primeiro, nascido no Brasil e filho de pai português, naturalizou-se português e veio para Portugal onde tirou o seu Bacharelato em Direito pela Universidade de Coimbra.

A sua pequena, mas rica obra, resume-se a uma compilação de versos publicados no jornal poético de Coimbra: "A Folha,, e que se chama "Miniaturas,, e ainda "Nocturnos,, outro livro de versos.

A delicadeza do seu canto, a perfeição da forma, artisticamente trabalhada, borilada com o mais acendrado carinho, são suficientes para o caracterizarem como um dos mais puros parnasianos portugueses.

O segundo, seguindo a carreira diplomática, morreu em Estocolmo, onde era representante de Portugal. Deixou valiosas provas do seu sentimento poético: "Sacerdos Magnus,, (em honra de Camões), "Líricas e Bucólicas,, "Cancioneiro chinês,, "Ilha dos Amores,, "A Janela do Ocidente,, e "Transfigurações,,.

Não foi como Gonçalves Crespo, um parnasiano puro, mas todavia alguns dos seus versos são pequenas maravilhas da dita corrente poética.

E' TRISTE A NATUREZA

E' triste a Natureza. O frio inverno
Baixa de novo à Terra desolada,
Sem ter uma carícia ou beijo terno
Que lhe poise na face amargurada.

E chora, mais e mais entristecida,
Suas mágoas de Mãe fecunda e forte,
Talvez por bem saber que à própria vida
Se torna necessária a própria morte.

Assim, o que parece tm grande mal,
E', dentro da harmonia universal,
Também augúrio dum novo arrebol...

A Terra é como viuva em aparência,
Volvendo breve à criadora ardência
Do seu luzente esposo — o aúreo Sol.

CALENDÁRIO ACERCA DE CALENDÁRIOS

Continuação

CALENDÁRIO DOS GREGOS— Parece que entre os gregos houve diversos Calendários, sendo o mais conhecido o dos atenienses, que passamos a descrever.

Tomavam para base as lunações, sendo por isso o seu ano de 354 dias. O ano constava de 12 meses lunares (6 cavos e 6 plenos alternados) com os seguintes nomes:

- 1.º Hecatombeon
- 2.º Metagitnion
- 3.º Boedromion
- 4.º Pyanepsion
- 5.º Memacterion
- 6.º Posideon
- 7.º Gaitelion
- 8.º Anthesterion
- 9.º Elaphebolion
- 10.º Munychion
- 11.º Thargelion
- 12.º Skirophorion

Começava aproximadamente em época correspondente ao nosso mês de Julho.

Uma vez sabido que, contando por meses lunares, as estações não coincidem com a sua verdadeira época, os atenienses resolveram, para que se fizesse esta coincidência, intervalar 3 vezes, no período de 8 anos (no 3.º, 5.º e 8.º) em mês pleno.

E porque: $8 \times 354 = 2832$ dias e $2832 \text{ dias} + 90 (3 \times 30) = 2922$ dias, o número de dias iguala a 8×365 dias =

2920 dias + 2 (um quarto de dia em 8 anos), coincidência ficou assim quase perfeita.

Este período de 8 anos chamou-se *octaeteride*; o mês intercalados, *Posideon* (2.º): e o ano *ático*.

Como já dissemos o ciclo lunar ou de *meton* foi descoberto na Grécia e chamou-se *enneadecaeteride*.

CALENDÁRIOS DOS ROMANOS— Neste calendário o ano tinha 304 dias, distribuídos por 10 meses lunares.

O primeiro chamava-se *Martius* em honra do deus *Marte*, (deus da guerra). Os outros meses eram: *Aprilis*, *Maius*, *Junius*, *Julius*, *Quintilis*, *Sextilis*, *September*, *October*, *November*.

Este calendário foi mais tarde reformado por *Numa Pompilio*, que deu ao ano 355 dias (mais um do que tem o ano lunar), e isto unicamente para evitar o número par, de mau agouro para os romanos.

Foi o ano dividido em 12 meses, para o que se juntaram 2 aos já existentes. Os acrescentados foram: *Januarius* (em honra do deus *Jano*) e *Februarius* (de *februa* = «sacrifício») tendo *Januarius* 29 dias e *Februarius* 28. Passaram a ter 31 dias: *Martius*, *Maius*, *Quintilis* e *October*, e 29 os outros.

Februarius, já de si aziago, pde continuar a ter 28 dias, número par.

O ano principiava em Ja-

neiro, próximo ao solstício de inverno, e acabava em Fevereiro. Mais tarde é que este mês passou a ser o 2.º do ano.

Pretendendo igualar o ano solar ao lunar decretou *Numa Pompilio* que, em cada período de 4 anos, se adicionasse um mês pequeno, de 22 dias ao 2.º ano, e outro de 23 ao 4.º ano, de modo que ficava este com 378 dias e aquele com 377. O mês adicional foi denominado *Mercedonius* ou *Mercidinus* e vinha logo em seguida a *Februarius*.

Destas correções incompletas resultava erro; para corrigir este novas correções foram decretadas no calendário. Estas correções não desfizeram o erro por completo, de modo que, de erro em erro, para mais ou para menos, caiu em tal confusão que só foi quase de todo acabada a correção *Juliana* de que trataremos se for possível. Júlio César que a decretou deu ao mês *Quintilis* o nome de *Julius*, em sua honra.

Encontra-se vulgarmente em autores latinos citações de épocas referidas a *calendas*, *nonas* e *idus*. É necessário por isso dizer duas palavras sobre o que representavam estas épocas fixas nos meses do antigo calendário romano.

Vimos que a palavra *calendas* (do verbo *calere* =

Continua na página seguinte

As três pirâmides de Gizé

MAGESTOSAS e imponentes, elevam-se como um eterno desafio ao contínuo redopiar dos séculos.

Sobre as areias escaldantes do deserto, que se estende a seus pés, assentando sobre pedras amassadas com o sangue e o suor dos escravos, foram levantadas para satisfazer o imenso orgulho dos seus criadores, que desejaram que o seu nome ficasse perpétuo através dos tempos por essas imensas moles; mas no fundo, todos tiveram medo, um medo inorme de que lhes profanassem o túmulo e esse receio fê-los tomar exageradas precauções.

Assim no interior, os corredores e inúmeras cavidades, eram orientados de maneira a desorientar os curiosos, que procurassem desvendar o sagrado mistério que perpetuavam.

Apesar de todas as precauções e do enorme respeito existente no Egipto pela morte, maior foi a miséria do povo, que arruinado pelas cheias do Nilo, profanaram esses túmulos tão cuidadosamente guardados.

A primeira e a maior de todas foi construída por Khuphus, a que os gregos chamaram Cheops. Foi no ano de 2800 A. C., que este faraó consagrou os melhores recursos do Egipto à construção da sua sepultura.

Esta enorme mole de 144 metros de altura, que levou 30 anos a realizar, foi trabalhada por 100.000 homens ao mesmo tempo, revezando-se de três em três meses

com igual número de trabalhadores.

Empregaram-se na sua construção dois milhões e trezentos mil blocos de pedras com a média de duas toneladas e meia cada uma. Provinham de pedreiras situadas nas margens do Nilo, ao Sul do lugar onde se eleva hoje a cidade do Cairo.

Seguindo as pisadas do seu antecessor, o faraó Kha-pa ou Khefren, mandou construir, também para o seu túmulo, uma outra mais baixa 40 pés e que repousa sobre uma base de pedras da Etiópia.

A terceira foi mandada construir por Mikerinos e ainda iniciada no seu tempo

mas concluída depois da sua morte. E esta última que ainda conserva, em parte, o seu cobrimento de sienite que tanto maravilhou árabes, gregos e romanos.

A esta última estava ligada a célebre lenda da rainha Nitrokis, que mandou afogar no final de um festim os assassinos de seu marido.

Estes monumentos classificados entre as sete maravilhas do mundo, impressionaram algumas imaginações por causa da sua grandeza e pelo esforço inexplicável que representam.

Luis Carlos de Oliveira Correia

(Aluno do 5.º ano)

Acerca de Calendários

Continuação da 6.ª página

«convocar») indicava que o povo era convocado para assistir a certas assembleias públicas. O dia das *nonas* era o dia 5 para os meses de janeiro, fevereiro, abril, junho, agosto, setembro, novembro e dezembro, e o dia 7 nos outros meses. O dia dos *idus* era a 15, em março, maio, julho e outubro, e a 13 nos restantes meses.

Os dias que mediam entre o das *calendas* e o das *nonas* eram designados pelo seu nome ordinal, mas contados em ordem retrograda relativamente às *nonas*. Das *nonas* até ao dia dos *idus*, a ordem seguida era igualmente feita

em relação ao dia dos *idus*; e dos *idus* até às *calendas* do mês imediato a contagem fazia-se de igual modo retrograda em relação a essas *calendas* próximas.

(Continua no próximo número)

Quando se começa a saber viver é quando é preciso morrer.

A. Dumas

Os felizes pouco conhecem a vida: a dor é a grande mestra dos homens.

Anatole France

Beba Café na IMPÉRIO

— o melhor de todos
Bebidas quentes e frias
de todas as qualidades

**Empresa
Industrial de
Electricidade do
Almonda, L.^{da}**

**ILUMINAÇÃO E
FORÇA MOTRIZ**

TELEFONE 2119

TORRES NOVAS

Pastelaria Império

O melhor
fabrico do
DISTRITO

Basílio S. Cardante

Agente da COMPANHIA DE
SEGUROS «A PORTUGAL» e
da ARCO PORTUGUESA (tin-
tas) acaba de receber peças e to-
dos os acessórios para automó-
veis: baterias, buzinas marca
DELCO, carburadores, antenas
para telefonias, projectores, etc.
Formação e carga de baterias.

Torres Novas

Grande baixa de preços

ÓCULOS



COM RECEITA MÉDICA
aviam-se na **Droqaria ÉLITE**

Concertos

TELEFONE 2003

MOVEIS

ALBERTO MARQUES
TORRES NOVAS = Telefone, 2124

FABRICO DE MOVEI EM SERIE

Pensão Torrejana

de **António Augusto Simões**



Proprietario da Pensão Peninsular — Figueira da Foz

Óptimas instalações
Bons quartos
Esmerado serviço
de mesa



SERVEM-SE
Lunches
Banquetes
etc.



TELEFONES — Torres Novas, 71 — Fig. da Foz, 200

Grande 
 Oportunidade

O agente, desta vila, dos
pneus marca **Good-year**, acaba
de receber da mesma fábrica o
novo produto — **Solas Neolite** —
que substitue com grande var-
tagem, tanto no seu preço co-
mo qualidade, solas e tacões de
couro.

Dirija-se a

Basílio S. Cardante

 Torres Novas 

**MACHADOS
& LOPES, L.^{DA}**

— — **Torres Novas** — —

lembra a sua casa de venda de

Mercearias — Vinhos do Porto
— Espumantes — Aguas do
Cruzeiro — Papelarias
— aos preço dos mercado —